

Fatores psicológicos associados à espiritualidade: uma revisão sistemática (2011-2021)

Psychological factors associated to spirituality: a systematic review (2011-2021)

**Maycon Rodrigo da Silveira Torres¹, Giovanni Winner Machado de Oliveira²,
Isadora Alves da Costa Santos³, Julia Laclau de Uzeda Revelles⁴, Julia Ravizzini
Pereira⁵, Matheus Coutinho dos Santos Alves⁶, Rebecca Caren Barbosa Machado⁷ e
Ricardo Luiz da Silva Valentim⁸**

Resumo: Religião e Espiritualidade (R/E) é uma temática atravessada interdisciplinarmente pelas disciplinas das ciências humanas. Na psicologia, sua presença é demarcada historicamente pelo interesse nos fatores psicológicos associados à espiritualidade e à religiosidade. O presente trabalho trata-se de uma revisão sistemática na área. O método escolhido foi de revisão bibliográfica sistemática pelos parâmetros de PRISMA e a análise narrativa. Foram selecionados como descritores “Psicologia” buscado em associação booleana “AND” com “Espiritualidade”, “Religião” e “Religiosidade”, nos bancos de dados *Periódicos Eletrônicos em Psicologia* (Pepsic) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), correspondendo ao período de 2011 a 2021. O critério de inclusão foi, após ler todos os títulos, seguidos dos resumos e dos trabalhos completos, selecionar as pesquisas qualitativas ou quantitativas realizadas por psicólogos que identificassem fatores psicológicos associados a fenômenos religiosos ou de espiritualidade. Foram

excluídos artigos repetidos, teses e dissertações. No todo, foram selecionados 27 artigos. Os resultados indicam um aumento na produção acadêmica de artigos sobre Psicologia, Espiritualidade e Religião nos últimos anos. Identificou-se um uso majoritário do método qualitativo de pesquisa. Foram criadas quatro categorias de análise pelo agrupamento das informações identificadas na revisão, que proporcionaram uma visão detalhada do estado da arte da produção científica na área.

Palavras-chave: Psicologia; Religião; Espiritualidade.

Abstract: Religion and Spirituality is a theme addressed interdisciplinarily by the fields of the human sciences. In psychology, its presence is historically demarcated by the interest in psychological factors associated with spirituality and religiosity. The present work is a systematic review of the area. The method chosen was a systematic bibliographic

¹ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor de Graduação em Psicologia na Faculdade Maria Thereza (FAMATH). Membro do Núcleo de Picanálise e Laço Social (UFF). E-mail: maycon.torres@mariathereza.com.br

² Graduando em Psicologia na Faculdade Maria Thereza (FAMATH). E-mail: giovanni.wmo@gmail.com

³ Graduanda em Psicologia na Faculdade Maria Thereza (FAMATH). E-mail: isadoraalves0106@gmail.com

⁴ Graduanda em Psicologia na Faculdade Maria Thereza (FAMATH). E-mail: uzedaju@gmail.com

⁵ Graduanda em Psicologia na Faculdade Maria Thereza (FAMATH). E-mail: juliaravizzini@gmail.com

⁶ Graduando em Psicologia na Faculdade Maria Thereza (FAMATH). E-mail: macoutinhooa@gmail.com

⁷ Advogada. Bacharel em direito pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Graduanda em psicologia pela Faculdade Maria Thereza (FAMATH). E-mail: beccamachado@yahoo.com.br

⁸ Arquiteto e urbanista pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Filósofo pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). Graduando em Psicologia na Faculdade Maria Thereza (FAMATH). E-mail: rvalentim.psi@gmail.com

review by PRISMA parameters and narrative analysis. The descriptor “Psychology” was selected in Boolean association “AND” with “Spirituality”, “Religion” and “Religiosity”, in the databases of *Electronic Periodicals in Psychology* (Pepsic) and *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), corresponding to the period from 2011 to 2021. The inclusion criterion was, after reading titles, followed by the abstracts and the full papers, to select qualitative or quantitative research conducted by psychologists that identified psychological factors associated with religious phenomena or spirituality.

Introdução

A discussão sobre religião é polissêmica, interdisciplinar e atravessa diferentes áreas do conhecimento. A perspectiva da experiência humana estabelecida em relação a uma dimensão transcendente, isto é, mais além do mundo físico, pode ser compreendida como universal ao longo da história. A preocupação em observar, descrever e compreender os fenômenos religiosos expressos por pensamentos, emoções e comportamentos encontra-se na fundação da Psicologia. Ainda no contemporâneo, existem dificuldades para a conceitualização do estudo psicológico das religiões, expressa nas diferentes nomenclaturas como Psicologia Religiosa, Psicologia da Religião ou da Espiritualidade. No Brasil, desde 1998, o Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia propõe o uso dos termos “Psicologia & Religião”, incluindo “Psicologia e Espiritualidade” (Freitas, 2017).

Desde Wundt, o interesse em abordar fenômenos culturais e religiosos pelo arcabouço psicológico era nítido, conforme expresso na obra *Volkerpsychologie*, escrita entre 1900 e 1920, comumente traduzido por “Psicologia dos Povos”. Em paralelo, nos Estados Unidos, Stanley Hall (1844-1924) fundou o primeiro centro de estudos de Psicologia e religião chamado *Clark University School of Religious Psychology*, ainda em 1883 (Freitas, 2017). A possibilidade de tomar a religião como objeto de estudo científico estimulou outros pesquisadores como William James (1842-1910), uma das principais referências em Psicologia da Religião com a obra publicada em 1902, *The varieties of the religious experience* (As variedades da experiência religiosa) (Jaruzo & Barcelos, 2020).

Nota-se o esforço de diferenciar a religião pessoal e a religião institucional, de forma que é do ponto de vista do indivíduo que a pesquisa psicológica pode abordar os aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais, especialmente pela possibilidade de criação de sentido. Enquanto religiosidade aponta para a vivência pessoal no contexto de uma religião institucionalizada por seus preceitos e rituais, a espiritualidade abrange a relação do indivíduo com a transcendência sem obrigatoriamente estar ligado a valores religiosos. A experiência mística inclui alterações como a fusão com divindade e/ou acesso a um saber que ultrapassa a racionalidade. Estas definições são difíceis de realizar e mantêm alguns entrecruzamentos (Caruzo & Pires, 2019).

A relevância deste estudo é ampliar a discussão sobre Psicologia e Religião e Espiritualidade (R/E) como campo de pesquisa e estudo na formação dos graduandos em psicologia de modo a produzir reflexão sobre os

Repeated articles, theses, and dissertations were excluded. 27 articles were selected. The results indicate an increase in the academic production of articles on Psychology, Spirituality and Religion in recent years. A majority use of the qualitative research method was identified. Four categories of analysis were created by grouping the information identified in the review, which provided a detailed view of the state of the art of scientific production in the area.

Keywords: Psychology; Religion; Spirituality.

aspectos metafísicos, religiosos e/ou espirituais no contexto da psicologia. Compreende-se de fundamental importância discutir estes aspectos articulados com a ética profissional para estabelecer os critérios da atuação profissional de modo que o psicólogo possa suspender crenças prévias para promover a experiência do sujeito em diferentes contextos.

O objetivo geral é identificar os fatores psicológicos associados a experiências místicas, religiosas e de espiritualidade na produção acadêmica da psicologia brasileira. Objetiva-se ainda apontar os tipos de metodologias utilizadas para estudo do fenômeno.

Método

Esta pesquisa teve por método a revisão bibliográfica sistemática pelos parâmetros de *PRISMA* e sistematizado pela análise narrativa para sintetizar os resultados dos estudos individuais, tanto quantitativos quanto qualitativos, de forma a discutir os resultados em busca de reinterpretção ou interconexão do tema (Galvão & Ricarte, 2020).

Foram selecionados como descritores “psicologia” buscado em associação booleana “AND” com “religião” ou “espiritualidade” ou “misticismo” ou “místico”. As buscas foram realizadas no mês de julho de 2021 nos bancos de dados *Periódicos Eletrônicos em Psicologia* (Pepsic) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), correspondendo ao período de 2011 a 2021. Foram lidos todos os títulos, seguido dos resumos e dos trabalhos completos. O critério de inclusão foram as pesquisas qualitativas ou quantitativas realizadas por psicólogos que identificassem fatores psicológicos associados a fenômenos religiosos ou de espiritualidade. Foram excluídos os artigos teóricos, de revisão bibliográfica e repetidos.

No banco de dados *Pepsic*, com os termos “religião” foram encontrados 32 artigos e excluídos 17 pela leitura do título e resumo; com os termos “místico/misticismo”, 4 e excluídos 2; com o termo “espiritualidade”, 10 e excluídos 4. Na plataforma *SciELO*, com o termo “religião” foram encontrados 75 e excluídos 34 artigos; com “místico/misticismo”, 4 e excluído 1; com o termo “espiritualidade”, 52 e excluídos 31. Dos 78 artigos selecionados, 45 que apresentaram repetição foram excluídos e 6 foram descartados após leitura completa, restaram 27 textos.

Todos os artigos foram lidos, resumidos e debatidos pelo grupo de pesquisa. Foram criadas quatro categorias para a análise, identificando pontos de semelhança e diferença nos dados obtidos.

Resultados

O agrupamento dos artigos indica haver aumento da publicação sobre psicologia, religião e espiritualidade nos últimos anos. Enquanto em 2011, foi encontrado apenas um artigo, a partir de 2017 houve aumento significativo, tendo 14 artigos do total de 27 (37,8%).

Os métodos qualitativos foram os mais utilizados, especialmente de entrevistas abertas ou semiestruturadas (48,15%), estudos de caso (14,8%), incluindo ainda uma autoetnografia. As pesquisas qualitativas apresentaram número de participantes que variou entre 1 e 13. Um dos artigos apresentou resultados de um questionário semiestruturado com 27 participantes, seguido de análise de conteúdo.

As pesquisas de métodos quantitativos incluíram aplicação de testes (7,4%), com variação de participantes entre 15 e 506; questionários estruturados (11,1%), com participantes entre 62 a 223; 1 estudo exploratório em banco de dados com 2573 participantes (3,7%); 1 estudo relacional, quantitativo e transversal com dados de 400 pessoas (3,7%).

Discussão

Foram criadas quatro categorias de análise pelo agrupamento das informações identificadas nos artigos: *Manejo do psicólogo com a religião-espiritualidade*; *Religião-espiritualidade, instituição religiosa e sexualidade*; *Religião-espiritualidade e saúde*; *Religião-espiritualidade e sentido da vida/morte*.

Manejo do psicólogo com a religião-espiritualidade

Nesta categoria de análise, visou-se compreender a relação entre a profissão de psicólogo, seus ofícios e a R/E. Depreendeu-se dos artigos estudados como foi visto e realizado o manejo das manifestações espirituais-religiosas dos clientes/pacientes pelos profissionais de psicologia atuantes nas áreas de saúde mental, como a psicologia clínica ou a psicologia hospitalar.

O respeito pela posição religiosa dos pacientes foi considerado como elemento primordial para a relação psicoterapêutica por entender que cabe ao profissional de psicologia a habilidade para munir sua escuta com a exploração do aspecto espiritual/religioso. Objetiva-se integrá-lo de maneira útil para os processos e fins terapêuticos, como o acolhimento, a resignificação e a resolução de conflitos. Para isto, as estratégias terapêuticas para o manejo devem ser éticas e garantidoras das liberdades de expressão religiosa e espiritual dos clientes. Os trabalhos de Pallini et al. (2019), Henning-Geronasso e Moré (2015) e Gobatto e Araújo (2013) indicaram que julgamento, desrespeito ou grosseria por parte do profissional perante esta dimensão do paciente pode ser muito nocivo ao seu estado emocional e no enfrentamento da doença.

Henning-Geronasso e Moré (2015) definiram como tópicos importantes: não confrontar a crença religiosa do cliente/paciente; separar as crenças e questões religiosas do profissional das do paciente; promover a conscientização acerca dos modos de funcionamento individuais em relação à religiosidade; e a possibilidade de flexibilização das crenças quando estas aparentam contribuir para a manutenção dos sintomas. Oliveira e Junges (2012) e Henning-Geronasso e Moré (2015) destacaram os critérios da Associação Psiquiátrica Americana, que recomendam procedimentos para os profissio-

nais ao abordarem os temas de religião e espiritualidade, como: pesquisar e identificar o papel da R/E no sistema de crenças; identificar se as questões religiosas e espirituais são relevantes às queixas e aos sintomas apresentados; demonstrar o uso de recursos religiosos e espirituais no tratamento; treinar intervenções apropriadas para o tema e atualizar-se sobre as questões éticas da R/E na prática clínica. Menção a estas diretrizes também apareceram em Ferreira, Silva, Silva e Bezerra (2020).

Considera-se a R/E como uma dimensão importante para a saúde integral do sujeito, tendo grande efeito principalmente sobre a saúde mental e a sensação de sentido de vida. Entende-se como responsabilidade do profissional de psicologia estar aberto para atender as manifestações espirituais/religiosas como e quando aparecerem no *setting* terapêutico, seja este no consultório ou no hospital (Oliveira & Junges, 2012; Silva, Coelho & Batista, 2019).

A inclusão da R/E no processo psicoterapêutico exige a abertura para a metáfora, para os símbolos e para o desconhecido, compreendendo a presença e o manejo da temática religiosa como uma constante relação entre seus aspectos socioculturais e individuais, já que a experiência religiosa se mostra de maneira específica para cada pessoa. Por isto, mesmo que seja recomendado ao profissional estar ciente das várias manifestações religiosas advindas de seu contexto cultural, este deve tomar os devidos cuidados para evitar a generalização e as ideias preestabelecidas, priorizando sempre a vivência religiosa particular de seu paciente (Oliveira & Junges, 2012; Henning-Geronasso & Moré, 2015).

A R/E não se dá apenas de maneira benéfica à saúde; pode expressar-se também de maneiras neuróticas, defensivas e mal adaptativas. Atenta-se para uma possível relação entre as crenças religiosas e a manutenção de sintomas patológicos (Oliveira & Junges, 2012; Henning-Geronasso & Moré, 2015). Cabe ao profissional da saúde mental reconhecer concomitantemente as possibilidades da expressão religiosa, em suas diferentes conjecturas, as que promovem o autoconhecimento, o bem-estar e o sentido de vida, e as que podem adoecer, em sua prática clínica. Para isso, deve-se capacitar o profissional com disciplinas específicas de R/E nas formações acadêmicas da área de Saúde (Cavalheiro & Falke, 2014; Silva et al., 2019; Ferreira et al., 2020).

Souza, Branco e Branco (2019) e Ferreira et al. (2020) concordaram que a crença religiosa é uma forma do indivíduo entrar em contato com o que ele está vivendo de modo a organizar suas próprias necessidades e entender sua experiência para além dos fatores técnicos científicos. A espiritualidade também permite uma busca pessoal de respostas sobre o significado da vida, da mesma forma que o relacionamento com o sagrado e/ou transcendente desponta como um elemento fundamental nas agendas de promoção de saúde.

Nesse sentido, cabe ao profissional realizar o manejo clínico com pessoas religiosas considerando que elas possuem diferentes hábitos, os quais não devem ser julgados, mantendo respeito. O psicólogo deve, ainda, analisar a relação de seu paciente com a religiosidade e gerar questionamentos para que ele perceba se a religião está contribuindo ou prejudicando sua vida. O psicólogo precisa ajudar na construção de sentido, a pensar qual o lugar da pessoa naquela religião, quais são seus questionamentos a respeito, com o objetivo de manejar a dinâmica psíquica do paciente (Souza et al., 2019).

Henning-Geronasso e Moré (2015) identificaram que os profissionais de psicologia utilizavam a religiosidade/espiritualidade dos clientes como estratégias terapêuticas para abordar certos aspectos dos problemas relatados na terapia. Isto os levou a questionar sobre a possibilidade de incluir a forma

de trabalhar com a R/E dos clientes como temática a ser abordada nos cursos de Psicologia, principalmente sobre formas de debater o tema no exercício clínico, uma vez que é algo inerente à cultura e aos clientes em suas vivências, constituições e motivações.

A respeito da formação em psicologia, Oliveira e Junges (2012) apresentaram a visão de psicólogos acerca da saúde mental e R/E em que o racionalismo foi destacado como um dos aspectos centrais que interrompem o acolhimento do fluxo da experiência afetivo/espiritual por parte dos profissionais. Cavalheiro e Falke (2014) constaram que comparativamente a calouros, o bem-estar espiritual dos formandos em psicologia se revela significativamente menor, sendo explicado que, no contexto acadêmico, a R/E não encontra espaço para desenvolvimento. Problematicaram, ainda, o embotamento da espiritualidade dos profissionais e uma adoção religiosa das doutrinas psicológicas.

Religião-espiritualidade, instituição religiosa e sexualidade

Nesta categoria, identificou-se a relação entre as instituições religiosas e as regulações sobre os comportamentos, especialmente a sexualidade e a homossexualidade. Partiu-se da difusão do conceito de pecado e as implicações de cometer tal transgressão. Denotou-se que a noção de pecado não está associada unicamente aos religiosos e abrange diversos setores da vida humana, que incluem condutas interpessoais, criminais e morais/éticas. Para cada área mencionada, o pecado adquire uma significação própria (Collares-da-Rocha & Souza Filho, 2014).

A prática religiosa se mostrou como um meio de inclusão e também de exclusão social, pois, além de resultados positivos, notou-se que uma parcela considerável da sociedade já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação no contexto religioso. A sexualidade foi identificada como um aspecto psicológico de tensionamento em relação aos valores religiosos. Como exemplo, o Projeto de Decreto Legislativo 234/2011, posteriormente conhecida como “cura gay”, apresentou a proposta de permitir o tratamento psicológico de reversão da homossexualidade, entrelaçando os saberes psi com fundamentos religiosos (Ribeiro & Scorsolini-Comin, 2017).

Macedo e Sívore (2018) alertaram sobre a existência de psicólogos brasileiros de filiação cristã evangélica que, contrariando o disposto pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), defendem publicamente seu direito de oferecer auxílio terapêutico com o fim de reverter a homossexualidade. Deve-se considerar que o Brasil é o único país do mundo a ter uma entidade nacional que regula o exercício da profissão e esse órgão regulador já emitiu parecer proibindo expressamente o favorecimento da patologização de práticas homoeróticas.

A forma como a homossexualidade é compreendida varia de religião para religião e influencia a maneira que o indivíduo se relaciona com a sua sexualidade. A religião poderá interferir tanto na sua aceitação, quanto na sua opressão, de modo a frear determinados tipos de comportamento tidos como indesejáveis, incidindo sobre as subjetividades e estabelecendo modelos de normatividade a serem seguidos. Quando encarada como uma prática pecaminosa, compreende-se que, ou é uma doença e pode ser curada, ou deve ser controlada, isto é, não manifestada (Ribeiro & Scorsolini-Comin, 2017). Em alguns meios sacros, a homossexualidade tem sido entendida, outrossim, como possessão demoníaca a ser solucionada na experiência religiosa (Macedo & Sívore, 2018).

Oliveira (2016) apresentou um estudo de caso de um jovem homem que sofria em relação aos papéis de gênero tradicionais por influência do sistema de valor relacionado à religião cristã. Sua orientação homoafetiva era interpretada como uma expressão de entidade espiritual chamada de “Pombagira da homossexualidade”, apropriada e reinterpretada de religiões minoritárias de raízes afro-brasileiras. Foram realizados rituais de exorcismo para retirar a entidade e erradicar o desejo por pessoas do mesmo sexo. Neste caso, a religião pareceu ter papel importante nos fenômenos de gênero, uma vez que surgiu para dar explicações a certos fatores psicológicos, ao mesmo tempo em que produziu uma identidade religiosa como modelo normatizador a ser seguido.

Em contrapartida, o estudo de Lages (2012) partiu da entidade “Pombagira” para demonstrar a forma como aspectos relacionados à opressão, incluindo sexual, podem encontrar meios de manifestações em outros contextos religiosos. Essas entidades atuam como representações do social e que muitas vezes simbolizam a luta e resistência de certas camadas sociais ou de diferentes sexualidades. Esta discussão também apareceu na pesquisa de Rocha, Severo e Felix-Silva (2019) articulada em aspectos mais amplos, especialmente na perspectiva do processo histórico de pessoas minoritárias serem alvos de violência e preconceito.

Ribeiro e Scorsolini-Comin (2017) alertaram para o fato de que, embora algumas religiões tenham em seus manuais de boas práticas e regras de condutas a proibição quanto à vivência da homossexualidade entre pessoas da mesma denominação religiosa, não necessariamente apresentam a mesma rigidez obediente às regras. Isto pode significar que nem todos os integrantes seguem as regras de maneira irrestrita.

Existe tensão no campo religioso a respeito da aceitação de manifestações sexuais minoritárias. Mesmo entre religiões mais restritivas acerca da sexualidade, encontram-se algumas denominações evangélicas que aceitam as pessoas de orientação homossexual, as chamadas de igrejas inclusivas (Macedo & Sívore, 2018). A igreja católica apostólica romana, por sua vez, posiciona-se contrária a prática da homossexualidade, considerando-a como pecado. Contudo, os esforços do Papa Francisco em permitir um diálogo mais aberto e franco com relação à homossexualidade tem promovido maior inclusão (Ribeiro; Scorsolini-Comin, 2017). Já o espiritismo, que explica a homossexualidade com base na experiência de vidas passadas, na visão dos entrevistados por Ribeiro e Scorsolini-Comin (2017), não é contrário à homossexualidade, embora tenha sido destacada a limitação da religião quanto à diferenciação entre identidade de gênero e orientação sexual.

Ribeiro e Scorsolini-Comin (2017) ressaltaram ainda que embora algumas comunidades religiosas não expulsem membros assumidamente homossexuais de seu convívio ou permanência, pode ocorrer que essa pessoa seja proibida de continuar contribuindo no meio religioso com determinados papéis eclesiais, sofrendo algumas restrições, como impedimento de participar de corais ou de lideranças. Apesar dessas privações não terem sido compreendidas pelos entrevistados como discriminações preconceituosas, tal fato pode “deflagrar a aceitação de uma posição na qual o sujeito não é plenamente acolhido e respeitado, ocorrendo uma naturalização desse desconforto ou da necessidade de se ajustar dentro de uma comunidade” (p. 7).

Estes fatores podem ter relação com os achados de Jahn e Dell’Aglio (2017) em que, entre os adolescentes, apesar do reconhecimento de sensação de amparo na R/E, as instituições religiosas não atuam como fonte de apoio subjetivo. Do mesmo modo, as instituições religiosas também não parecem

promover maior sentido de comunidade neste público. Do mesmo modo, investigações mais profundas a respeito da diferença de gênero nos estudos de espiritualidade.

Religião-espiritualidade e saúde

Nesta categoria de análise, discute-se a religião-espiritualidade como *coping* (enfrentamento) em saúde; a presença da família como um dado importante no cuidado do paciente; o início do uso de drogas psicoativas; a melhora da qualidade de vida dos indivíduos; a ocorrência da substituição do tratamento científico pelo tratamento espiritual; a possibilidade de desenvolver senso de comunidade e a relação religião/espiritualidade com a violência.

Em relação a R/E como *coping* em saúde, é interessante observar que tanto a religião quanto a espiritualidade podem se apresentar como um importante recurso pessoal do indivíduo para lidar com uma possível sobrecarga emocional e mesmo estresse advindo de um quadro de enfermidade. Para Araújo e Gobatto (2013), esse conjunto de esforços, que tem a religião-espiritualidade como ferramenta de manejo destinada a enfrentar uma determinada doença, pode ser classificado como positivo em função das consequências para a saúde dos indivíduos. É possível verificar, por exemplo, sentimentos de segurança e conforto.

Deve-se questionar, no entanto, a possibilidade de toda pessoa conseguir recorrer às estratégias de enfrentamento religioso/espiritual diante do adoecimento, ainda que a efetividade de práticas e crenças espirituais no enfrentamento de doenças terminais, como o câncer, se mostre forte como potencializador e produtor de esperança e apoio emocional durante o processo do tratamento no relato de vários pacientes oncológicos (Duarte & Wanderley, 2011; Gobatto & Araujo, 2013; Miranda, Lanna & Felipe, 2015).

Uma condição vulnerável de saúde pode levar o indivíduo a uma hospitalização, mas talvez não seja a doença em si, os sintomas físicos subjacentes ou mesmo algum procedimento invasivo necessário, o verdadeiro estressor para o paciente, e sim o distanciamento de sua família. O afastamento dos familiares e amigos, que representa o rompimento com o vínculo social e afetivo, pode ser decisivo para o quadro de sofrimento, uma vez que esteja associado a tristezas e angústias como fatores de risco oriundos do isolamento dos entes queridos. Para além da família, o próprio rompimento com sua comunidade de apoio social, o que inclui a comunidade religiosa, configura-se como um grande problema. Esse isolamento pode ser determinante para a dificuldade de recuperação do quadro de saúde (Duarte & Wanderley, 2011; Gobatto & Araujo, 2013; Miranda, Lanna & Felipe, 2015).

Foi identificado em Figueiredo, Filho e Henriques (2015) a religião como importante estratégia para a busca de resolução e alívio espiritual entre os pacientes que vivenciam sofrimento provocado pelo uso problemático de drogas. A prática religiosa serviu para possível “cura” em variadas situações que provocam sofrimento psíquico. Igrejas neopentecostais são caracterizadas como verdadeiros “prontos-socorros espirituais” (p. 140) para alguns usuários. Neste contexto da dependência química é comum também o cotidiano da violência e, novamente, o itinerário religioso pode ser determinante para trazer significado e sentido para o paciente. O mesmo foi identificado em religiões de matrizes afro-brasileiras que ocupam lugar de cuidado junto de lugares com dificuldade de acesso ao sistema formal de saúde e a outros serviços de direito (Rocha, Severo & Felix-Silva, 2019).

Outro ponto interessante é avaliar a influência da religião e espiritualidade como *coping* de saúde para os pacientes idosos, especialmente em quadros de hospitalização (Duarte & Wanderley, 2011; Gobatto & Araujo, 2013). Considerando que a velhice pode representar um período de várias experiências de perda, tais como, perda financeira pela aposentadoria, perda da beleza, perda do vigor da juventude, perda de um corpo saudável que pode dar lugar a uma doença, a religião e a espiritualidade podem significar bem-estar e qualidade de vida. Assim, a vivência religiosa-espiritual pode ser um fator relevante na promoção da saúde, uma vez que pode contribuir para o bem-estar físico, psicológico, e mesmo, de suas relações sociais, ou seja, pode significar um fator de proteção no combate à enfermidade.

Ainda nessa questão da religião-espiritualidade e saúde, é possível identificar, segundo Duarte e Wanderley (2011), três estilos de enfrentamento de problemas relacionados com a responsabilidade da pessoa e religião: o autodirigido, o delegante e o colaborativo. O estilo autodirigido diz respeito ao indivíduo que assume a responsabilidade sobre a resolução dos seus problemas, não espera em Deus. O estilo delegante, refere-se à espera em Deus para a resolução dos seus problemas, se eximindo de qualquer responsabilidade. Já o estilo colaborativo, indivíduo e Deus participam da resolução de problemas, cada um faz sua parte. Entretanto, é importante ressaltar que tanto a religião quanto a espiritualidade podem se apresentar como um elemento negativo quando simplesmente se colocam como ferramenta substitutiva ao tratamento médico-científico.

A pesquisa de Martelli e Bairrão (2019) apresentou efeitos psicológicos de bem-estar, acolhimento e até aviso de perigo associado ao “ponto-cantado” da religião umbanda, que consiste em músicas associadas a determinadas entidades. A música opera como forma de ritual para auxiliar a atingir determinados objetivos ou estados subjetivos, que inclui a perspectiva de melhora da qualidade de vida e da saúde. O ritmo e as letras funcionam como conectivos simbólicos com as entidades até a aspectos mais profundos, expressos pela incorporação ou posse espiritual como efeito de um processo de concentração mental desejável.

Por fim, observou-se, também, que algumas religiões e tradições espirituais utilizam de substâncias enteógenas e psicotrópicas, como a Ayahuasca, em um contexto religioso e espiritual, muitas vezes com objetivos que mesclam o espiritual e o terapêutico, motivo para sua relevância para a compreensão da espiritualidade-religião e saúde (Maraldi et al., 2020).

Religião-espiritualidade e sentido da vida/morte

A religiosidade-espiritualidade como sentido de vida e morte, dialoga com questões de vivências pessoais, com a representação do pecado de acordo com grupos religiosos e com a inserção de idosos na comunidade após a aposentadoria (Dias & Pais-Ribeiro, 2018; Costa & Humboldt, 2020). Collares-da-Rocha e Souza Filho (2014) discutem a influência da religiosidade e da espiritualidade na elaboração de sentido e na mudança de perspectiva do indivíduo frente a situações de vulnerabilidade.

É possível observar que a relação entre religião-espiritualidade com questões pessoais e de vivência possibilita a produção de sentido tanto de vida quanto de morte, sendo um recurso para compreender e explicar determinadas situações (Vergílio & Holanda, 2011). De acordo com Noronha, Rosa e Bernardes (2017) entende-se que a vivência religiosa está relacionada a algo

intrínseco e subjetivo, o qual não depende de uma instituição para praticá-la. A vivência religiosa-espiritual influencia a elaboração de um sentido, a fim de buscar uma explicação que gere conforto para o indivíduo e o ajude a enfrentar situações de vulnerabilidade, como a hospitalização.

A pesquisa de Medeiros e Silveira (2015) revelou a forte influência da R/E em fenômenos psicológicos anômalos, como o exemplo das Experiências Fora do Corpo (EFC). Estas experiências tendem a ser compreendidas pela perspectiva da R/E, tanto pela via explicativa quanto pela de produção de um sentido posterior à experiência. Como exemplo, algumas pessoas compreendem certas experiências psicológicas como um chamado a uma missão espiritual e, a partir deste ponto, aderem a algum tipo de religião. A crença no transcendente toma por base um acontecimento real.

Outro fator ressaltado na literatura pelos autores Silva et al. (2019), Souza et al. (2019) e Benites, Neme e Santos (2017) é o senso de controle sobre a vida propiciado pela R/E, visto que ao colocar a responsabilidade de um acontecimento em Deus ou em uma entidade religiosa, o sentimento de culpa diminui e há a sensação de que aquilo está fora do seu controle. No entanto, mesmo sendo um mecanismo de defesa para enfrentar as dificuldades, segundo Souza et al. (2019), essa perspectiva pode bloquear o contato do indivíduo com a realidade e dificultar o processo de aceitação.

A necessidade de dar sentido à existência quando acometidas por doenças graves, busca-se a espiritualidade como apoio, principalmente quando estão frente a possibilidade de morte. De acordo com Benites et al. (2017), muitos pacientes que estão hospitalizados e angustiados com a finitude buscam crenças religiosas que falam sobre a possibilidade de vida mesmo após a morte. Dessa forma, pensar sobre a morte pode estimular o indivíduo a elaborar significações para essas questões, a partir das vivências espirituais e pessoais, que amenizem os sofrimentos ainda em vida.

Outro fator a ser considerado e que possui grande influência no modo de vida dos indivíduos, é a fé. Segundo Miranda, Lanna e Felipe (2015), a ideia de que a fé é um fenômeno psicológico inseparável do ser que se manifesta principalmente em momentos de sofrimento e adoecimento. Em um trabalho realizado com idosos que tinham câncer, a fé religiosa contribuiu positivamente no combate à ansiedade. No entanto, mesmo que a fé contribua para elaboração de sentido e para o enfrentamento a alguma enfermidade, segundo Miranda, Lanna e Felipe (2015), é válido destacar que muitos pacientes buscam a fé como uma forma de cura, o que pode prejudicar o tratamento médico adequado.

Apesar de todos os avanços sociais, médicos, econômicos e redução da mortalidade infantil que possibilitaram o aumento da expectativa de vida, a saúde não acompanha necessariamente essas melhorias. Considerando os idosos nesse contexto, a espiritualidade aparece mais uma vez como ferramenta de busca de sentido de vida e sentido de morte, auxílio no enfrentamento de momentos de mais vulnerabilidade e como estratégia de socialização, resultando na melhora dos índices de saúde física, mental e qualidade de vida. As pessoas idosas podem reconhecer a importância da espiritualidade em suas vidas, junto da “capacidade de suportar as limitações, perdas e dificuldades inerentes ao processo de envelhecimento, de modo a enfrentar as dificuldades, desafios e sofrimentos presentes nesta etapa da vida” (Dias & Pais-Ribeiro, 2019, p. 601).

Além disso, os idosos valorizam muito a espiritualidade/religião e, por esse motivo, o resultado não surpreende, bem como os baixos valores apondo à esperança, já que esse grupo é mais vulnerável e lida diariamente com a proximidade da finitude da vida e incertezas diversas, ou seja, idosos com maiores índices de espiritualidade apresentam também melhores índices de qualidade de vida (Dias & Pais-Ribeiro, 2019).

Considerações finais

A abordagem aos fatores psicológicos associados à religião e à espiritualidade se apresentaram como escassos no Brasil. A psicologia brasileira parece ter dificuldade para abordar o tema, tanto no período de graduação quanto na prática profissional. O campo da saúde, mais especificamente da Psicologia Hospitalar, surgiu como ambiente fértil para abordagem deste tema por sua aproximação com o sofrimento, expectativa de cura e criação de sentido para vida em contraste com o risco de morte. Destaca-se, ainda, o interesse a respeito da experiência religiosa e espiritual de idosos no contexto hospitalar.

As pesquisas selecionadas nesta revisão sistemática indicaram predominância de métodos qualitativos, mais especificamente de entrevistas semiestruturadas e com número restrito de participantes. As pesquisas quantitativas exploraram dados de sistemas de informação de serviço público e a aplicação de testes e a avaliação de escalas psicométricas.

A discussão sobre espiritualidade e religiosidade se configura como um desafio para o campo da psicologia e do exercício profissional dos psicólogos. Os temas associados não são discutidos de maneira sistematizada na graduação, conforme expresso pela não-obrigatoriedade de ofertas de disciplinas, do mesmo modo em que são poucas as estratégias de intervenção que incluem este aspecto da experiência subjetiva.

O interesse pelo tema perpassa o atravessamento entre a experiência religiosa e as religiões institucionalizadas em relação à sexualidade, especialmente às homossexualidades. Parte do debate gira ao redor da compreensão de determinadas práticas sexuais minoritárias como pecado ou infração de algum dogma religioso. A religião também pode servir como embasamento para explicação de certas sexualidades, associadas a entidades espirituais, por exemplo. Identificou-se a preocupação da associação da atuação de psicólogos com práticas religiosas, especialmente a respeito da chamada cura gay ou terapias de reversão sexual. Existe, neste sentido, risco de as religiões terem efeito de exclusão social pela perpetuação da não-aceitação de formas de sexualidades minoritárias.

Um ponto muito explorado foi a relação entre as práticas religiosas e espirituais como forma de busca de algum efeito terapêutico, seja para doenças orgânicas, seja para transtornos mentais e comportamentais. A perspectiva de templos religiosos como pronto-socorro espiritual indica a difusão na sociedade de uma demanda de conforto subjetivo para além das estratégias técnico-científicas. Isto se articula com as características das religiões como estratégias de inclusão social, com a criação de sentimento de pertencimento.

Os aspectos religiosos e espirituais são abordados também na intersecção entre saúde e idade, na medida em que pesquisas destacam a importância do tema em idosos hospitalizados ou em algum tipo de tratamento de doenças terminais que facilitam a elaboração a respeito da aproximação com a morte e o próprio sentido da vida.

Referências

- Benites, A. C., Neme, M. C., & Santos, M. (2017). Significados da espiritualidade para pacientes com câncer em cuidados paliativos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34, 269-279. <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000200008>
- Barros, J., & Miguel, F. (2019). Umbanda e quimbanda: alternativa negra à moral branca. *Psicologia USP*, 30. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180093>
- Caruzo, M. S., & Pires, E. U. (2019). O que o Eletroencefalograma tem a nos dizer sobre a experiência religiosa: uma revisão sistemática. *Psicologia Argumento*, 37(95), 01-24. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.37.95.A001>
- Cavalheiro, C. M. F., & Falcke, D. (2014). Espiritualidade na formação acadêmica em psicologia no Rio Grande do Sul. *Estudos de Psicologia*, 31(1), 35-44. <https://doi.org/10.1590/0103-166x2014000100004>
- Collares-da-Rocha, J. C. C., & Souza Filho, E. A. de. (2014). Representação social do pecado segundo grupos religiosos. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 235-244. <https://doi.org/10.1590/s0102-71822014000100025>
- Costa, A., & Humboldt, S. von. (2020). A espiritualidade e as doenças crônicas nos idosos – estudo exploratório em idosos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 21(1), 69-74. <https://doi.org/10.15309/20psd210111>
- Dias, E. N., & Pais-Ribeiro, José Luís. (2018). Espiritualidade e qualidade de vida de pessoas idosas: um estudo relacional. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 19(3), 591-604. <https://doi.org/10.15309/18psd190310>
- Duarte, F. M., & Wanderley, K. S. (2011). Religião e espiritualidade de idosos internados em uma enfermagem geriátrica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(1), 49-53. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000100007>
- Ferreira, A. L., Silva, L., Silva, S., & Bezerra, M. A. (2020). As espiritualidades em psicoterapeutas junguianos e transpessoais: um breve estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(2), 135-146. <https://doi.org/10.18065/2020v26n2.2>
- Freitas, M. H. (2017). Psicologia religiosa, psicologia da religião/espiritualidade, ou psicologia e religião/espiritualidade? *Revista Pistis Praxis*, 9(1), 89-107. <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS04>
- Galvão, M. C., & Ricarte, I. L. (2019). Revisão Sistemática Da Literatura: Conceituação, Produção e Publicação. *Logeion: Filosofia da Informação*, 6(1), 57-73. <https://doi.org/10.21728/logeion.2019v6n1.p57-73>
- Gil, P., Sonogo, J., Alves, C., & Rudnicki, T. (2020). Espiritualidade e qualidade de vida em praticantes da religião protestante. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 21(2), 287-296. <https://doi.org/10.15309/20psd210205>
- Gobatto, C. A., & Cavalcanti, C. (2013). Religiosidade e espiritualidade em oncologia: concepções de profissionais da saúde. *Psicologia USP*, 24, 11-34. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000100002>
- Henning-Geronasso, M. C., & Moré, C. (2015). Influência da Religiosidade/Espiritualidade no Contexto Psicoterapêutico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35, 711-725. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000942014>
- Jahn, G. M., & Dell'Aglio, Débora Dalbosco. (2017). A Religiosidade em Adolescentes Brasileiros. *Revista de Psicologia Da IMED*, 9(1), 38-54. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.1541>
- Jaruzo, C. J., & Barcellos, L. A. (2020). A Psicologia Da Religião No Contexto Das Ciências Das Religiões: Desafios e Contribuições. *Revista Caminhos - Revista de Ciências Da Religião*, 18(1), 31. <https://doi.org/10.18224/cam.v18i1.7655>
- Lages, S. R. C. (2012). Possessão e inversão da subalternidade: com a palavra, Pombagira das Rosas. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 527-535. <https://doi.org/10.1590/s0102-71822012000300006>
- Maraldi, E. et al. (2020). Experiências anômalas e dissociativas em contexto religioso: uma abordagem autoetnográfica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(2), 147-161. <https://dx.doi.org/10.18065/2020v26n2.3>
- Marin, R. C., & Scorsolini-Comin, F. (2017). Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeiras. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(2), 446-460. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002352016>
- Martelli, T. M., & Bairrão, J. F. M. H. (2019). Espíritos compositores e instrumentistas: a música na umbanda. *Psicologia em Estudo*, 24(e39154), 1-16. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.39154>
- Medeiros, G. T. D., & Silveira, F. D. A. (2015). Fenomenologia da percepção extracorpórea: análise de experiências fora do corpo. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 21(2), 225-234. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357746389011>
- Miranda, S. L. de, Lanna, M. dos A. L. e, & Felipe, W. C. (2015). Espiritualidade, Depressão e Qualidade de Vida no Enfrentamento do Câncer: Estudo Exploratório. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 870-885. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002342013>
- Noronha, A. P., Rosa, P. A., & Bernardes, L. F. A. (2017). Estudos psicométricos da Escala de Avaliação da Percepção da Religiosidade. *Avaliação Psicológica*, 16(2), 215-224. <https://dx.doi.org/10.15689/AP.2017.1602.12>
- Oliveira, M. R., & Junges, J. R. (2012). Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 469-476. <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2012000300016>
- Oliveira, M. C. S. L. (2016). Desenvolvimento do self e processos de hiperindividualização: interrogações à Psicologia Dialógica. *Psicologia USP*, 27(2), 201-211. <https://doi.org/10.1590/0103-6564d20160004>
- Pallini, A. C., Ottati, F., Cremasco, G. S., & Cunha, F. A. (2019). Percepções de pacientes oncológicos sobre espiritualidade: um estudo qualitativo. *Psicologia para América Latina*, 32, 169-179. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2019000200008&lng=pt&tlng=pt
- Ribeiro, L. M., & Scorsolini-Comin, F. (2017). Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. *Psicologia & Sociedade*, 29(0). <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i062267>
- Rocha, M. B., Severo, A. K. S., & Félix-Silva, A. V. (2019). “Batuco lá, que eu batuco cá”: os terreiros de umbanda e suas conjunturas sociais. *Psicologia & Sociedade*, 31. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31i215627>
- Silva Filho, A. L. A., & Ferreira, M. C. (2015). O Impacto da Espiritualidade no Trabalho Sobre o Bem-Estar Laboral. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(4), 1171-1187. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002482013>
- Silva, T., Freire, M. E., Vasconcelos, M. F., Rodrigues, L., Matias, T., & Neto, M. (2019). Apoio espiritual ao paciente hospitalizado: percepções da equipe multiprofissional de saúde. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 20(2), 358-366. <https://doi.org/10.15309/19psd200207>
- Vergílio, S. R., & Holanda, A. F. (2011). Reuniões mediúnicas espíritas: explorando significados e efeitos para seus participantes. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 4(2), 264-275. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202011000200008&lng=pt&tlng=pt